

revista pilotis



COLÉGIO
SÃO LUÍS



Rede Jesuíta
de Educação

Revista Pilotis # 27 - agosto/setembro de 2014

Produção interna dos alunos e educadores
do Colégio São Luís



TECNOLOGIA

"Labmóveis"
chegam às
salas de aula

DITADURA

50 anos da
Ditadura Militar
no Brasil

ARTIGO

Uso de animais
em pesquisa:
Sim ou Não?

PIONEIRISMO

EM COMEMORAÇÃO AOS 147 ANOS DE FUNDAÇÃO DO COLÉGIO SÃO LUÍS,
UM PRESENTE: O LANÇAMENTO DE UM LIVRO QUE RESGATA UMA EXPRESSIVA
E CONSISTENTE TRAJETÓRIA DAS ATIVIDADES DESPORTIVAS DO CSL, DESDE
SUAS ORIGENS PIONEIRAS ATÉ A ATUALIDADE.



SEGUNDO TEMPO

No final do primeiro semestre e início das férias escolares, o clima de Copa do Mundo agitou a nossa comunidade educativa e mobilizou todo o País!

Dentro da sua programação anual, o Colégio São Luís lançou o livro *Pontapé Inicial para o Futebol no Brasil*, um presente de aniversário pelos nossos 147 anos. O autor Paulo Cezar Alves Goulart deixa claro que a origem do futebol por aqui precisa de 2 capítulos para ser bem contada: 1) A primeira partida de futebol foi jogada no pátio do CSL em Itu, já que a novidade recreativa foi introduzida pelos jesuítas; e 2) A contribuição de Charles Miller para o desenvolvimento profissional desse esporte só veio mais tarde.

Mas 2014 não é somente o ano da Copa! Aliás, frustrações e polêmicas à parte, precisamos continuar refletindo sobre temas relevantes para a nossa sociedade de hoje e de amanhã. Nossos educadores analisam alguns desses assuntos nesta edição.

Além disso, vocês lerão sobre dois momentos fundamentais na vida dos nossos estudantes: 1) O processo de alfabetização das crianças; e 2) A decisão por um projeto de vida com sentido, que inclui a busca da própria vocação, a escolha de uma profissão e, para alguns, até uma experiência internacional.

Descubram muito mais nas páginas que se seguem! Por intercessão especial de São José de Anchieta, canonizado pelo Papa Francisco em abril, e fundador do colégio jesuíta que deu origem à cidade de São Paulo, tenhamos um abençoado SEGUNDO TEMPO!

Com um abraço fraterno,

Pe. Eduardo Henriques, SJ
Diretor-Geral do Colégio São Luís



EDIÇÃO/JORNALISTA RESPONSÁVEL

Marcia Guerra - DECOM
Departamento de Comunicação (MTB 2435)

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

André Cantarino - DECOM

REVISÃO

Departamento de Publicações

REPORTAGEM

Acidiniz Silva - assistente pedagógico do EM
Eloiza Centeno - coordenadora da Ed. Infantil
José Francisco Conte de Sacadura Cabral -
professor do Período Estendido
Laez Barbosa - assessor técnico pedagógico do CSL
Marcelo Martins - coordenador do DTA
Myrta Biondo - coordenadora do CETAE
Orientadoras de Est. do Maternal II e Pré I do Integral
Silvia Andrade - coordenadora da Educação Infantil
Paulo Goulart - pesquisador e escritor. Autor do
livro Pontapé Inicial para o Futebol no Brasil
Paulo Sutti - professor de História do EF
Pilar Baptista - estagiária do DECOM
Renata Rogé - antiga aluna do CSL

COLABORAÇÃO

Tuna Serzedello - DECOM

DIREÇÃO-GERAL

Pe. Eduardo Henriques, SJ

DIREÇÃO

Benedita de Lourdes Massaro
Jairo Nogueira Cardoso
Luiz Antonio Nunes Palermo



COLÉGIO
SÃO LUÍS



Rede Jesuíta
de Educação

Rua Haddock Lobo, 400 - Cerqueira César
CEP 01414-902 / São Paulo, SP
Tel.: 11 3138 9600 / www.saoluis.org

A Revista *Pilotis* é uma publicação
interna do Colégio São Luís.

PIONEIRISMO

Pontapé Inicial para
o Futebol no Brasil

16

10

4 TECNOLOGIA

"Labmóveis" chegam às salas de aula

6 ARTIGO

Uso de animais em pesquisa: Sim ou Não?

10 EDUCAÇÃO INFANTIL

Muito mais que $B + A = BA$

13 INTEGRAL

Experimente e diga se gosta!

14 OPINIÃO

Quem não tem pecados que dê o primeiro chute

20 ASPAS

O que é ser livre para você?

25 FÓRUM DE PROFISSÕES

Hora da escolha

26 FAÇA VOCÊ MESMO

Enfeitando com retalhos

28 CULTURA

ANTIGO ALUNO

De cabeça para baixo

30



NA WEB

Leia mais matérias completas no site

www.issuu.com/revistapilotis

DITADURA

22

50 anos da Ditadura Militar no Brasil



“LABMÓVEIS”

CHEGAM ÀS SALAS DE AULA

CARRINHOS COM NETBOOKS ATENDEM A EDUCAÇÃO INFANTIL E O ENSINO FUNDAMENTAL I E OTIMIZAM O TEMPO DAS AULAS.

POR MARCELO MARTINS, COORDENADOR DO DTA,
E MYRTA BIONDO, COORDENADORA DO CETAE.
FOTOS TOM DIB E DTA





“Equipamentos modernos como esses propiciam usos pedagógicos diferenciados.”

O Colégio São Luís, na busca da inovação e das melhores práticas em tecnologia educacional, adquiriu, para o ano de 2014, dois laboratórios móveis.

Com essa novidade, o Colégio aumentou a capacidade de atendimento às aulas que demandam equipamentos de informática, pois agora dispõe de quatro laboratórios equipados com máquinas de última geração.

EQUIPAMENTOS À DISPOSIÇÃO EM SALA

Os “carrinhos” – ou “labmóveis”, como os dois novos laboratórios são carinhosamente chamados pelos alunos – são levados às salas por uma das orientadoras de estudos do CETAE (Centro de Estudos de Tecnologias Aplicadas à Educação). Dessa maneira, sem a necessidade de deslocamento de alunos e de professoras, o tempo de aula foi otimizado.

Cada “labmóvel” está equipado com netbooks suficientes para o trabalho individual das crianças, além de um notebook que se conecta aos televisores já existentes nas salas e que é usado para as explicações iniciais, dadas pelas professoras ou pelas orientadoras de estudos do CE-

TAE. O carrinho que atende a Educação Infantil no prédio da Bela Cintra conta, no total, com 24 máquinas. Já o “labmóvel” do Fundamental I coloca à disposição dos alunos 38 computadores.

MÁQUINAS ESPECÍFICAS

A escolha dos equipamentos foi determinante para o sucesso do projeto. Buscávamos máquinas inovadoras e preparadas para o uso infantil. A empresa escolhida foi a MGB, multinacional portuguesa com fábrica em Salvador e escritórios em Brasília e em São Paulo.

Os computadores possuem processador Intel, 4 G de memória RAM e 300 G de HD; o sistema operacional é o Windows 8. As telas são reversíveis (giratórias), o que faz com que o netbook possa ser usado como um tablet, sem o teclado físico.

GANHO PEDAGÓGICO

Equipamentos modernos como esses propiciam usos pedagógicos diferenciados, já que é possível adequar melhor a maneira como cada atividade será desenvolvida. Alunos menores, em fase inicial de alfabetização, por exemplo, conseguem reproduzir imagens nas telas apenas com os dedos, sem a necessidade de teclado

ou de mouse. Os maiores, além do teclado físico, podem utilizar canetas especiais, que acompanham o equipamento, para escrever na superfície da tela, como se esta fosse um caderno.

É importante salientar que, ao dinamismo das aulas e ao aspecto lúdico que as reveste por conta do uso desses equipamentos, alia-se o preparo cuidadoso das atividades por parte da equipe pedagógica. Como qualquer outro recurso tecnológico, os netbooks são vistos como instrumentos de mediação que facilitam o processo de ensino-aprendizagem e o tornam mais atrativo para as crianças.

O sucesso entre os pequenos é unânime! As equipes do DTA (Departamento de Tecnologia e Audiovisual, que cuida da parte técnica) e do CETAE (Centro de Estudos de Tecnologias Aplicadas à Educação, que desenvolve e acompanha as atividades junto à equipe de professores e alunos) continuam trabalhando em conjunto para que esse sucesso seja efetivo e duradouro. ■

ACOMPANHE NA TV SÃO LUÍS

A TV São Luís registrou algumas das atividades desenvolvidas com os “Labmóveis”.

Confira em www.youtube.com/tvsauluis

USO DE
ANIMAIS EM
PESQUISA:

SIM

OU

NÃO



POR LAEZ BARBOSA DA FONSECA, FILÓSOFO, PEDAGOGO E PSICOPEDAGOGO.
 ASSESSOR TÉCNICO-PEDAGÓGICO DO COLÉGIO SÃO LUÍS E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO. MEMBRO DA
 COMISSÃO DE ÉTICA NO USO DE ANIMAIS DA FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA DA
 UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

.....

O uso de animais em experiências científicas, procedimento comum até pouco tempo atrás, vem levantando sérias questões e envolvendo diversos segmentos da sociedade. Um dos exemplos mais recentes foi a invasão, por ativistas, do Instituto Royal, que trabalha para farmacêuticas no interior de São Paulo (São Roque), em outubro de 2013. Na época, mais de 200 cães da raça beagle foram resgatados de um cativeiro, sob alegação de maus-tratos. Na ocasião, uma ativista relatou que vários cachorros tinham tumores e mutilações, incluindo um que estava sem os olhos (*Folha de São Paulo*, 18/10/2013. Caderno “Cotidiano”).

O caso ilustra o que vem acontecendo com a pesquisa que envolve o uso de animais. Pesquisadores, professores, alunos, sociedade civil, organizações não governamentais, movimentos protetores dos animais, instituições religiosas e cidadãos em geral se vêm envolvidos com as seguintes perguntas: justifica-se o uso de animais para a pesquisa e o desenvolvimento da ciência? Pode a ciência pro-

gredir, sobretudo as ciências biológicas, sem essas experiências? Os animais são dotados de uma espécie de consciência e sentido da vida? O que nos autoriza causar dor e sofrimento aos animais sujeitos às diversas experiências? É ético usar animais em experiências científicas?

EVOLUÇÃO DA MEDICINA E LONGEVIDADE

Essas questões nunca foram um problema para a ciência moderna, sobretudo para as ciências da natureza. O ponto de partida da pesquisa científica era o de que a ciência tinha como meta final a produção de bens para os seres humanos, e a natureza, incluindo aí os diversos animais, estava à disposição para a consecução de tal finalidade. A conveniente associação entre a ciência e a técnica permitiu a exploração dos recursos naturais, entendidos como fontes inesgotáveis. Assim, utilizaram-se animais com a finalidade de, a partir da experiência científica com eles, se encontrarem medicamentos, tratamentos e cura para os humanos e para os próprios animais. Devemos reco-

nhecer que muitos dos medicamentos e tratamentos que hoje conhecemos, que aumentaram nossa expectativa e qualidade de vida, só foram possíveis mediante tais experimentos.

“SOMOS TODOS PARTE DA MESMA FAMÍLIA.”

Entretanto, as reflexões e os estudos sobre as possibilidades e os limites da ciência moderna, associados aos avanços das ciências humanas e às novas descobertas a respeito da vida trazidas pela psicologia, pela neurociência, pela biologia e pela filosofia, têm questionado o modo tradicional de se fazer ciência. Hoje, sabe-se que a natureza não é uma fonte inesgotável de recursos e que não podemos manipulá-la sem critério e racionalidade. Conhecemos também os malefícios da aplicação da ciência que não considerou a humanidade e a singularidade do ser humano (citemos, como exemplos, as experiências nazistas com humanos e o uso de armas químicas e atômicas em guerras). Temos consciência, hoje, de que habitamos a mesma casa e de que devemos

“Os critérios do bem-estar animal, da ausência de dor e sofrimento, do significado e relevância da pesquisa devem ser considerados na decisão.”

i

PARA SABER MAIS

Uma boa reflexão sobre o modo tradicional de se fazer ciência e suas novas alternativas pode ser encontrada na obra *Contra o Método*, de Paul Feyrabend. Editora UNESP.

todos cuidar dela, uma vez que somos pertencentes à mesma família. Cresce a percepção de que fazemos parte de uma totalidade de sentido, na qual todos os seres vivos tendem naturalmente à vida, esforçando-se, cada um deles à sua maneira, para atingir tal finalidade. Nesse contexto, aumenta o número de pessoas que, de uma forma ou de outra, acreditam que os animais (e não nos esqueçamos de que somos animais), de maneiras diferentes, sentem e buscam a vida e, se pudessem, evitariam dor, sofrimento e morte. Embora pareça, para alguns, não existirem argumentos racionais e científicos suficientes a esse respeito, o mundo contemporâneo parece consentir que exista uma nova consciência a respeito da vida, que inclui todas as formas de vida animal, reconhecendo em todas elas o desejo e o direito de viver.

A CIÊNCIA E A ÉTICA

Diante desse novo posicionamento, cresce um ramo do saber, a Bioética, que, ao trabalhar com os conceitos de vida, bem, valor, justiça, sentido e finalidade, lida

com a questão do uso de animais em experiências científicas sob uma perspectiva largamente ampliada a respeito do significado de vida, de consciência, de valor, de dignidade e de direito. A ciência, a biologia, a medicina, o direito e a ética reagem positivamente a esses novos apelos. O surgimento de uma nova consciência acerca da vida, as novas descobertas das ciências biológicas e humanas e a atual reflexão ética convidam a sociedade a repensar a relação entre a ciência e a vida e a rever o uso de animais em pesquisas. Esse movimento resultou, no Brasil, na elaboração de uma lei que procura regulamentar a pesquisa envolvendo animais. Trata-se da Lei Arouca (Lei N.º 11.794, de 8 de outubro de 2008), que estabelece procedimentos para o uso científico de animais. No capítulo III, a lei regulamenta a criação das Comissões de Ética no Uso de Animais: *“É condição indispensável para o credenciamento das instituições com atividades de ensino e pesquisa animal a constituição prévia de Comissões de Ética no Uso de Animais – CEUAs”* (Art. 8.º). Tais comissões





devem ser constituídas por médicos veterinários e biólogos, representantes do corpo docente e discente, representantes da sociedade civil e de uma entidade protetora dos animais. Essas comissões devem reunir-se periodicamente e, à luz da Bioética, avaliar, liberar ou impedir pesquisas que envolvam o uso de animais. Os critérios do bem-estar animal, da ausência de dor e sofrimento, do significado e relevância da pesquisa devem ser considerados na decisão.

A Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ/USP), atendendo ao disposto na lei, constituiu, em 2012, a sua Comissão de Ética no Uso de Animais (CEAUs), tendo como finalidade “nortear e regulamentar os fundamentos da utilização racional dos animais nas atividades de ensino, pesquisa e extensão no âmbito desta Faculdade”. Desde então, a comissão analisa todos os projetos de pesquisa envolvendo a utilização de animais, com poder de veto. Sob a direção da Dra. Denise Tabacchi Fantoni, tal comissão vem se esforçando para encontrar um cami-

nho que equalize a necessidade do progresso da ciência, a utilização de animais em pesquisas e as novas exigências éticas. Como participante dessa atual comissão, senti-me muito bem-acolhido. Percebo e reconheço a qualidade dos membros participantes e a seriedade e envolvimento de todos no exercício de suas funções. Cabe a cada membro da comissão analisar previamente vários projetos, sob a ótica da ciência e da ética.

Os nossos desafios são muitos. A ciência é uma construção humana, resultado do nosso engenho, inteligência e desejo de conhecer o mundo e a verdade e de encontrar melhores condições para nossa existência, que só tem sentido se for vivida em comunidade. Portanto, toda pesquisa e descoberta científicas só têm sentido se tiverem como finalidade a promoção e a dignidade da vida humana. No amanhecer de uma nova visão de mundo, de um novo paradigma, em que o conceito de vida se expande e passa a incluir todas as formas de vida, torna-se necessário incluir todas elas nos benefícios da ciência. Nesse novo cenário, o que fazer quando

a ciência, para progredir, utiliza-se de outras formas de vida, no caso, da vida animal? A Ética, outra construção humana, pode nos ajudar a resolver esse impasse. Como ciência que reflete sobre a vida humana e que a regulamenta em busca do bem comum, ela pode nos orientar a respeito do uso de animais em pesquisas científicas. Para isso, a Ética precisa (e o está fazendo) ampliar o seu horizonte, incluindo nele as outras formas de vida animal. Ao fazer isso, ela convida as demais ciências a fazer o mesmo e a considerá-las em seus projetos de pesquisa.

Na Comissão de Ética para o Uso de Animais da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (CEUA da FMVZ/USP) todos se empenham com o que de melhor temos a oferecer quando as diferenças se apresentam e diante de um novo desafio: o diálogo, nesse caso, entre ciência e ética. Se não temos respostas conclusivas às perguntas que são formuladas quando se trata do uso de animais em pesquisas científicas, pelos menos encontramos um caminho promissor. ■

MUITO MAIS QUE

B + A = BA

COMO ACONTECE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM
DA LEITURA E DA ESCRITA NA CRIANÇA.

POR ELOIZA CENTENO E SILVIA ANDRADE,
COORDENADORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL
FOTOS TOM DIB





Considera-se que aprender a ler e escrever é o acontecimento mais significativo dos primeiros anos da vida escolar de uma criança. Por isso, esse assunto gera muitas discussões, pois há uma preocupação grande, especialmente das famílias, em saber quando a criança vai aprender a ler e escrever.

Vivemos em uma sociedade letrada, em que a língua escrita está presente de maneira visível e marcante nas atividades cotidianas. Sendo assim, podemos afirmar que o caminho da conquista da leitura e da escrita inicia-se a partir do momento em que a criança começa a interagir com o mundo letrado, ou seja, quando ela procura, fala, se comunica e se mostra curiosa por descobrir, experimentar e vivenciar o mundo que a cerca, de maneira espontânea e com a ajuda dos adultos.

Aos poucos, a criança vai atribuindo significado às palavras e às imagens que a cercam. Começa por reconhecer os escritos mais significativos, como seu nome, uma marca, um rótulo, uma palavra em um conto, etc. A escrita se manifesta pelo desejo que a criança tem de descobrir, reconhecer e utilizar os sinais gráficos com que constantemente se depara, reproduzindo-os, ainda que de maneira não convencional. Daí que o incentivo dos pais e

o ambiente influenciam o interesse dos pequenos que têm, desde cedo, contato com livros, lápis e papel para rabiscar, ou que ouvem muitas histórias. Esses são fatores que muito contribuem para a alfabetização.

ALFABETIZAÇÃO

Hoje o termo alfabetização é muito mais abrangente do que era há tempos, quando se alfabetizava pela cartilha, com a fragmentação de palavras sem um contexto, como em “O vovô viu a uva”, totalmente sem sentido. Com muitos de nós, adultos, foi assim. Mas o mundo foi se transformando, as pesquisas nessa área aumentaram, apareceram mudanças na concepção de ensino e aprendizagem, e a alfabetização passou a se caracterizar como um processo ativo, por meio do qual a criança, desde os seus primeiros contatos com a escrita, constrói e reconstrói hipóteses sobre o funcionamento da língua escrita nas diferentes práticas sociais de leitura e de escrita.

COMO O SÃO LUÍS TRABALHA A ALFABETIZAÇÃO?

O São Luís proporciona aos seus alunos um ambiente alfabetizador desde as séries iniciais, com o

“Orientamos a criança para que ela aprenda a ler e escrever na perspectiva do contato com práticas reais de leitura e escrita”

ALGUMAS DICAS QUE PODEM AJUDAR OS PAIS A COLABORAR NA ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS:

- *Compartilhar atividades que envolvam a escrita: circulação de bilhetes entre os membros da família, ou pedir a ajuda da criança para fazer listas de compras.*
- *Brincar com palavras é estimulante. Isso pode ser feito no caminho de casa, dentro do carro, por meio de situações lúdicas nas quais as crianças observem placas ou sinais. Além disso, pode-se inserir no seu cotidiano jogos simples que envolvam a descoberta de letras e palavras e que despertem a curiosidade.*
- *Deixar livros, gibis e passatempos ao alcance das crianças.*
- *Vivenciar com os filhos a importância de ler e contar histórias, visualizar as imagens, continuar a história no dia seguinte, retomando-a de onde se parou.*
- *Um fator que muito contribui para a alfabetização é o incentivo que a criança recebe dos pais. O ambiente influencia e desperta o interesse para a leitura e a escrita. Pais que leem para as crianças despertam nelas o gosto pela leitura.*

“Cada criança é única e deve ser respeitada e atendida em suas necessidades.”



estímulo ao desenvolvimento cognitivo, de maneira desafiadora e possível de ser realizado.

Orientamos a criança para que ela aprenda a ler e escrever na perspectiva do contato com práticas reais de leitura e escrita, oferecendo-lhe uma diversidade de textos que circulam socialmente e escritos que fazem sentido para ela, como: bilhetes, textos de tradição oral, listas, receitas, textos informativos, nome próprio, o mural, a rotina diária, o calendário, entre outros. Essa é apenas uma parte do processo de alfabetização, em que as escritas baseadas nos textos conhecidos de memórias, a diversidade de práticas de leitura e as oralidades são amplamente valorizadas. Todo esse processo é mediado pelo professor e enriquecido por diferentes estratégias e recursos, buscando-se escutar o que as crianças têm a dizer e instigá-las para que queiram saber mais, ampliando, assim, o seu conhecimento.

Para contextualizar essa prática, desenvolve-se, nas diferentes séries, um projeto didático com base em um tema ou em um gênero textual específico para a série, com o objetivo de construir novos saberes e reflexões sobre o sistema de escrita e a aquisição da linguagem usada para escrever. Por exemplo, no caso de um projeto sobre insetos, as palavras com os nomes dos respectivos insetos serão recorrentes e se tornarão estáveis. Além disso, haverá

o contato com o gênero textual que será utilizado para apresentá-los: nesse caso, o informativo. Finalizamos o projeto com a apresentação do seu produto final para a família e a comunidade.

Ao final do primeiro ano do ensino fundamental, nossa prioridade é que os alunos alcancem a base alfabética, ou seja, que adquiram habilidades para ler e escrever de maneira convencional.

Tudo isso é somado ao estímulo, à afetividade e à integração, privilegiando-se o lúdico, o simbólico e as brincadeiras do universo infantil.

PEDAGOGIA INACIANA

A proposta pedagógica da Educação Infantil no Colégio São Luís é inspirada nos documentos norteadores da Educação Jesuíta e na Pedagogia Inaciana. Sendo assim, temos como princípio o fato de que cada criança é única e deve ser respeitada e atendida em suas necessidades, buscando-se despertar nela a iniciativa, o sentimento de responsabilidade, solidariedade e gratidão, por meio de experiências que incentivem o diálogo, a interação e o respeito mútuo entre as pessoas.

No planejamento de todas as atividades, estão presentes as cinco dimensões do Paradigma Pedagógico Inaciano: contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação. É através destas cinco etapas que o ensino é orientado em nossas salas de aula. ■



EXPERIMENTE E DIGA SE GOSTA!

VIVÊNCIA DAS TURMAS INICIAIS DO INTEGRAL OFERECE OPORTUNIDADE PARA AS CRIANÇAS PROVAREM FRUTAS E LEGUMES DIVERSOS.

POR ORIENTADORAS DE ESTUDO
DO MATERNAL II E PRÉ I DO INTEGRAL.

Desde 2013, os alunos das turmas do Maternal II e do Pré I do Integral participam de um momento muito especial e importante para seu crescimento, aprendizagem e vivência: a degustação de frutas. Por conta do resultado positivo da iniciativa, neste ano aconteceu uma ampliação na atividade: a inclusão de legumes.

Com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de uma alimentação balanceada e saudável, uma vez por semana, a degustação de uma fruta ou de um legume é realizada com base na escolha feita por um colega do grupo. Dessa maneira,

as crianças têm a oportunidade de experimentar diferentes sabores e sensações. As famílias têm uma participação importante nesse processo quando perguntam às crianças, em casa, como foi a atividade. Para facilitar esse diálogo, sempre que há a degustação, o aluno leva na agenda um bilhete que informa a fruta ou o legume experimentado e se a criança gostou ou não do que provou. Desse modo, é possível ampliar a prática em casa, junto com as famílias, e torná-la um hábito para as crianças que, desde pequenas, podem experimentar os diversos sabores que a natureza oferece. ■





QUEM NÃO TEM
PECADOS QUE DÊ O
**PRIMEIRO
CHUTE**

UMA REFLEXÃO SOBRE OS CASOS QUE SE
MULTIPLICAM, NO PAÍS, DE PESSOAS QUE DECIDEM
FAZER JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS.

POR JOSÉ FRANCISCO CONTE DE SACADURA CABRAL,
PROFESSOR DO PERÍODO ESTENDIDO.

“Não era um marciano, era um menino do nosso povo. Eu me lembrei de Jesus: Que diria se fosse o árbitro ali? ‘Quem não tem pecados que dê o primeiro chute’? Foi uma cena dolorosa. ‘Fuenteovejuna’, disse a mim mesmo. Senti os chutes na alma. Tudo doía em mim, sentia dor pelo corpo do garoto, pelo coração dos que chutavam. Pensei: ‘Esse garoto foi feito por nós, cresceu conosco, se educou entre nós. O que falhou?’. O pior que podemos fazer é esquecer essa cena. E que o Senhor nos dê a graça de poder chorar... chorar pelo menino delinquente e também por nós mesmos.” – PAPA FRANCISCO, EM CARTA A RODOLFO Y CARLOS LUNA.

Essa declaração foi dada pelo Papa Francisco em abril deste ano, em resposta às imagens que circulavam em seu país natal de um bandido sendo linchado na cidade de Rosário, Argentina. Desde o início de 2014, tanto na Argentina quanto no Brasil, depara-se com um elemento novo no contexto da segurança pública: multiplicaram-se os casos em que um grupo de pessoas decide fazer justiça com as próprias mãos e passa a agredir supostos delinquentes. Ambos os países vivem situações semelhantes: alta desigualdade, elevados níveis de corrupção e caos na segurança pública. Justamente por essas semelhanças, penso que essa carta deveria ser lida com um pouco mais de atenção aqui no Brasil. A colocação do Papa é simples, porém profunda. A carta se inicia com uma alusão ao relato bíblico no qual Jesus livra uma mulher do apedrejamento, dizendo: “Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra nela.” (João 8,7). Por que o Papa cita esse trecho quando fala de tais episódios de violência? Apesar de não me considerar um profundo estudioso da Bíblia, parece-me evidente que o episódio alude à importância do perdão, elemento central da fé cristã. Jesus sempre perdoou aos pecadores; inclusive, já crucificado, perdoou ao ladrão Dimas, assim como se colocou contra a filosofia do “olho por olho, dente por dente” (Mateus 5,38-39).

A questão levantada pelo Papa Francisco me parece essencial. O perdão é mais do que uma das bases do pensamento cristão, é também uma das bases da própria justiça e da vida em sociedade. Seria possível fazer justiça sem o perdão? Creio que não, pois, sem a capacidade de perdoar, que em Deus é infinita, a justiça se converte em vingança e em sede de sangue. Outro ponto interessante na declaração do Pontífice é o trecho em que diz: *“Pensei: ‘esse garoto foi feito por nós, cresceu conosco, se educou entre nós’”,* ressaltando que, por trás da delinqüên-

“Afinal, do que se vingavam os justiceiros?”

cia, existe também um aspecto que é coletivo, social. De alguma forma, a própria sociedade criou esses delinquentes e deve se responsabilizar por isso. Existe uma parcela de culpa que é de toda a sociedade, e é necessário reconhecer que, se a violência chegou ao ponto em que se encontra atualmente, algo falhou no meio do caminho. Talvez, mais violência não seja a melhor forma de resolver esses problemas, pois, como o próprio Jesus disse, “todo aquele que vive pecando é escravo do pecado.” (João 8,34). Essa dimensão coletiva da questão também está evidente na citação de *Fuenteo-*

vejuna, de Lope de Vega. O clássico da literatura espanhola conta a história de um povoado que se une para assassinar um comendador que abusava de seu poder. No desfecho da peça, as autoridades interrogam a população para saber quem foi o responsável pelo crime, porém todos os interrogados respondem “Fuenteovejuna”, mostrando que todo o povo era responsável por aquela morte.

Recentemente, a onda de linchamentos atingiu seu ápice. No estado de São Paulo, uma tentativa de fazer justiça com as próprias mãos resultou na morte, por espancamento, de Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos. Depois de consumado o fato, descobriu-se que a mulher era uma mãe de família que fora confundida com uma suposta sequestradora de crianças cuja foto circulava na Internet.

Finalizo esta breve reflexão com o mesmo questionamento do Pontífice: “O que falhou?” O que fizemos para que a sede por justiça chegasse a um nível de desespero, capaz de influenciar pessoas a cometerem atrocidades como as mencionadas? O que acontece com nossa sociedade para que homens e mulheres supostamente de bem realizem atos de tamanha barbaridade? Afinal, do que se vingavam os justiceiros? Do que se nutriam, além da irracional sede de vingança? Na ausência do direito à defesa e do direito a declarar-se inocente, a “justiça” se torna uma condenação sem sentido, portanto injusta. ■

❧

PIONEIRISMO

PONTAPÉ INICIAL PARA O FUTEBOL NO BRASIL

❧

POR PAULO GOULART, PESQUISADOR E ESCRITOR
FOTOS CENTRO HISTÓRICO DO CSL



“O início do futebol no Colégio São Luís ainda não utilizava as 14 regras inglesas que então orientavam a modalidade.”



As atividades físicas praticadas nos colégios sempre mereceram uma atenção dos jesuítas. Essa visão não foi diferente no Colégio São Luís, desde Itu, a partir de 1867, tanto em relação à educação física e esportes em geral, quanto especificamente ao futebol. É sobre essa questão que trata o livro *Pontapé inicial para o futebol no Brasil – O bate-bolão e os esportes no Colégio São Luís: 1880-2014*, editado pelo Colégio São Luís e lançado dia 12 de maio, em evento comemorativo dos 147 anos de fundação do Colégio, o livro resgata uma expressiva e consistente trajetória das atividades físicas, dos esportes e dos jogos no São Luís, desde suas origens até a atualidade.

JESUÍTAS E ESPORTES

“Na educação physica dos alumnos [...] não se esqueceu a Companhia de recomendar o bom tratamento do corpo em benefício do espírito.”

Assim se refere o padre José Manuel de Madureira no livro *A liberdade dos índios – a Companhia de Jesus – sua pedagogia e seus resultados* (1927, p. 613-614) à visão dos jesuítas em relação às atividades físicas nos colégios.

Essa atenção, que gradualmente se expandia por diferentes colégios da Com-

panhia, ganha maior evidência a partir de 1817, quando, conforme anais do Colégio da Comuna de Saint Acheul, os educadores jesuítas passam a recomendar a prática de jogos, especialmente nos internatos onde havia numerosos alunos. Durante quase 60 anos, os colégios foram instituindo diferentes práticas que favorecessem os exercícios corporais. Dois padres jesuítas, Nadaillac e Rousseau, compilaram os jogos praticados nos colégios para editar, em 1875, o livro *Les jeux de Collège*. O livro seria também uma forma de incentivar e organizar os padres perfeitos a instituírem práticas esportivas em seus colégios.

A VIAGEM: RAZÕES PARA IR, O QUE VIRAM E O QUE TROUXERAM DE LÁ

Fundado em 1867, em Itu, o Colégio São Luís teve rápido crescimento com a presença do Padre Mantero, seu novo Reitor a partir de 1877. Dos 119 matriculados em 1878, chega-se a 360 em 1882. Essa nova realidade obrigou o Colégio a construir e ampliar suas instalações. Além de acomodar fisicamente esse contingente crescente de alunos, era preciso reorganizar algumas dinâmicas. Assim, as atividades esportivas praticadas nos pátios, durante

os recreios do Colégio, tornaram-se um objeto de especial atenção pelos jesuítas. Era preciso criar mecanismos que incentivassem todos os alunos a praticarem esportes – já que até 1880 a prática era optativa. Que incentivo seria esse? Oferecer a cada aluno um maior número de modalidades de esportes entre as quais pudesse haver uma com a qual mais se identificasse. Os jesuítas encontraram a solução ao disponibilizar uma imensa variedade de jogos aos alunos. Como chegar a estas modalidades?

Decidiram empreender viagens à Europa entre 1879 e 1881. Em contato com colégios europeus, encontraram um estimulante ambiente para as práticas esportivas: a tradição e o incentivo aos jogos, entusiastas padres e reitores, e o livro *Les jeux de Collège*. – singular compêndio com mais de 80 modalidades de jogos. Um prato cheio para oferecer aos alunos do Colégio São Luís.

CHEGANDO: MULTIPLICIDADE DE ESPORTES

De volta a Itu, os padres jesuítas passaram a apresentar aos alunos o que viram e trouxeram dos colégios europeus. Os jogos, os esportes e as atividades físicas – que passaram, então, a ser obrigatórios



ESPORTES 1 – ATÉ 1960

Se o futebol passou a ser o esporte preferido pelos alunos do Colégio ao longo do século XX, diversas outras modalidades foram praticadas nos pátios do São Luís, ganhando adeptos e incentivadores. Desde a sofisticada esgrima, no início do século XX, à introdução do pingue-pongue, na década de 20, o Colégio sempre procurou atualizar a (inserção) de novas modalidades, mas não só. Surgem, já com o Colégio instalado na avenida Paulista, as primeiras formas de organização, incluindo alunos, que passam a definir regras, formação das equipes, jogos, campeonatos, como a Associação Athletica do Colégio São Luís. E, como representante do efetivo vínculo entre ex-alunos e Colégio, é criada a ASIA-Antiqui Societati Iesu Alumni, a Associação dos Antigos Alunos dos Padres Jesuítas. O ponto alto do desenvolvimento das modalidades esportivas passou a ser, a partir da década de 1930, os Jogos Olympicos Colégio São Luís. A importância do evento pode ser avaliada pela cobertura feita pela imprensa local, como O Estado de S. Paulo e Gazeta Esportiva. Durante a II Guerra, alunos eram treinados com rigor e disciplina por tenentes, sargentos e professores, e divididos em companhias e pelotões. O futebol do Colégio chega ao Pacaembu, então maior estádio do País. Deu empate de 1 x 1 com o Colégio Arquidiocesano; e chega na TV Record, onde participa do Campeonato Colegial de Futebol; e em outras cidades, como o Rio de Janeiro, em competições com outros colégios jesuítas. Ex-alunos, professores e pais de alunos também participam de atividades esportivas. Mas, o grande momento, sem dúvida, foi a inauguração do Ginásio de Esportes, em 1967, além da piscina, em 1968.

a partir de 1880 – tinham a participação dos jesuítas no meio dos alunos, os quais passaram a conviver com novidades: exercícios militares, ginástica alemã, lançamento de disco e dardo, malha, salto em altura e distância, corrida com obstáculos e futebol. Futebol?

FUTEBOL: BATE-BOLÃO

O Padre Mantero, que esteve também naquele período na Europa, não esqueceu de trazer um artigo que mudaria a cena dos jogos e esportes no Colégio: o *ballon anglais* ou, simplesmente, bola de futebol. E um exemplar de *Les jeux de Collège*. O início do futebol no Colégio São Luís ainda não utilizava as 14 regras inglesas que então orientavam a modalidade. Mais modestamente, os primórdios daquilo que seria o futebol nasceu com o uso da bola somente com os pés (diferenciando-se do rugby, em que o uso das mãos era permitido) e chutes em direção às paredes do Colégio – embrião do que viria a ser o gol. A essa prática denominaram de bate-bolão.

O FUTEBOL: DE ITU PARA O PAÍS

E assim começou o futebol no Colégio São Luís. Alguns anos depois, em 1887, passou a ter o caráter inicial de competição: dois lados do campo, duas equipes de futebol e uma área delimitada na parede, indicando o local exato para onde os chutes deveriam direcionar a bola. A bola passava a ser disputada entre os alunos. Em 1894, um ano antes de Charles Miller disputar aquela que é considerada a primeira partida oficial de futebol (15.4.1895), o reitor Luis Yabar introduz novas regras no Colégio: campo com dimensões próximas às do tamanho oficial, demarcação da grande área, equipes de 11 jogadores uniformizados e traves, no lugar da tinta na parede. Ocorre o primeiro torneio e, no ano seguinte, o primeiro 'Campeão de Futebol' do Colégio: Arthur Ravache. Com os alunos se formando, muitos deles interessados na divulgação do futebol, ao retornarem às suas cidades e seus estados, participam da fundação de clubes, da dinamização do esporte.



LIVRO COMPLETO!

Confira o livro "Pontapé Inicial para o Futebol no Brasil" na íntegra no site www.issuu.com/revistapilotis

ESPORTES 2 – 1970 A 2014

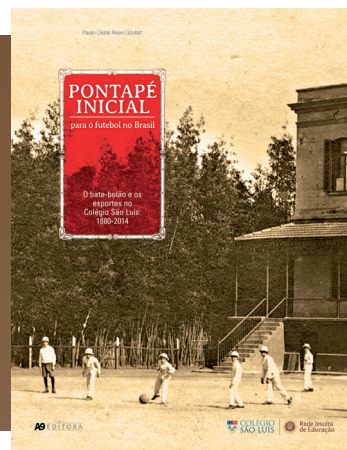
Com a entrada das meninas no São Luís, fato em sintonia com os questionamentos sociais e políticos da época, o Colégio tem sua primeira equipe feminina participando de competições em 1979. A partir de 1980, alunos passam a participar das preliminares de clubes do campeonato paulista, de excursões para o interior do estado e de competições internacionais. Mas os anos 80 tiveram alguns especiais destaques: a inauguração do campo de futebol do prédio da Bela Cintra, a realização, a partir de 1986, do Torneio Jesuíta (ou

Jogos Jesuítas) e os Jogos Interamizade, em 1987, mantidos até a atualidade. O futsal feminino começa a ser praticado no Colégio em 1992. Alunos e professores ganham prêmios em campeonatos e torneios; esportes nem tão populares como badminton, beisebol, taco e golbol contribuem, ao lado das inúmeras outras modalidades, para fazer "você amadurecer e criar um sentimento de coletivo, de trabalho em equipe, respeito ao próximo e consciência do próprio corpo", conforme mensagem de Victor Naves (revista Pilotis, ago./set. 2007). Ex-alunos com atuação

de destaque na área esportiva participam de eventos no Colégio. A Ong britânica Spirit of Football vem, em 2012, ao Colégio cujos alunos, por sua vez, continuam a participar anualmente de copas amadoras no continente europeu. Enquanto isso, vai sendo erguida a Casa da Cultura e dos Esportes, síntese de uma evolução do reconhecimento da importância dos esportes na formação escolar dentro do Colégio. Enfim: uma singular conquista, um novo marco na trajetória pedagógica e esportiva do constante aprimoramento da missão jesuíta para a educação. ■

FALARAM DO LIVRO

Pontapé Inicial para o Futebol no Brasil teve a sua repercussão na mídia como um verdadeiro contestador da versão de que Charles Miller seria pai do futebol no Brasil. Em matéria na Veja SP ("Colégio São Luís alega ser o verdadeiro berço do futebol brasileiro"), tanto o livro de Paulo Goulart quanto o CSL foram destaque principal. Já em outros veículos, como na Folha de S.Paulo, que traz matéria com trecho do livro do jornalista italiano Luca Caioli, *Neymar: O último poeta do futebol*, o papel dos jesuítas do colégio em Itu é colocado como um acontecimento com seu lugar já consolidado nas páginas da história do futebol no Brasil.





O QUE É SER
LIVRE
PARA VOCÊ?



“Ser livre é libertar as pessoas e passear no fim de semana. Libertar um passarinho é ser livre também porque daí ele se sente livre para voar; quando ele está preso na gaiola, ele não é livre.”

LUCA FORONI E HELOISA RIBEIRO, PRÉ II

#SERLIVRE

Compartilhe a sua resposta conosco no Twitter com a hashtag e cite o nosso perfil @colegio_saoluis!



“Ser livre é você ter o poder de escolher o que você vai fazer, mas, para ser uma pessoa livre – uma pessoa que está bem consigo mesma – é preciso ter um balanceamento de ética, do que é certo e do que é errado e, ao mesmo tempo, fazer com que as suas escolhas sejam levadas em conta também. Eu me sinto livre quando faço alguma coisa que eu quero e isso dá certo, porque, quando você faz algo que quer, mas não dá certo, é como se a sua liberdade tivesse falhado.”

MAITÊ GUILLARD, 3.ª SÉRIE EM

“Para mim, ser livre é ter liberdade, é não ser preso a alguém ou a alguma coisa. Eu me sinto livre quando estou feliz e quando estou solto em relação a alguns bens materiais ou pessoas.”

DAVI GARCIA NUNES, 6.º ANO EF



“Eu me sinto livre na hora do recreio, porque eu estou brincando. Na minha casa eu não me sinto livre porque fico preso lá, sem fazer nada – às vezes eu coloco um monte de brinquedos na minha casa e finjo que estou passeando, aí me sinto livre.”

LEONARDO ROCHA, 2.º ANO EF

50 ANOS

DA DITADURA MILITAR NO BRASIL

DE 64 A 2014 – O QUE ACONTECEU NO
MUNDO E NO BRASIL ANTES, DURANTE
E DEPOIS DO GOLPE MILITAR.

POR PAULO SUTTI, PROFESSOR DE HISTÓRIA
DO ENSINO FUNDAMENTAL



CENÁRIO MUNDIAL

Fim da Segunda Guerra Mundial. Depois da derrota dos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) pelos Aliados, o mundo conheceu uma nova ordem mundial, a Guerra Fria – marcada pela bipolaridade ideológica entre comunismo e capitalismo, dos quais URSS e EUA eram representantes, respectivamente. O mundo passou, então, a ser uma grande área de influência desses modelos.

Situada a 174 Km da Flórida, Cuba viveu uma experiência revolucionária liderada por Fidel Castro e Ernesto Che Guevara na derrubada do governo, pró-Estados Unidos, de Fulgencio Batista. Um modelo socialista foi implantado na Ilha, que logo passaria a ter laços econômicos e diplomáticos com a URSS. Cuba passou a ser um exemplo para todos os movimentos de esquerda na América Latina.

Cuba obteve notoriedade no cenário internacional após a derrubada do governo de Batista e com o episódio da Baía dos Porcos, quando da invasão da Ilha por mercenários, mariners e anticomunistas, financiados pelos EUA. A derrota norte-americana naquela ocasião resultou no embargo econômico a Cuba, que dura até os dias atuais.

Alguns jovens da época passaram a ter na figura de Che Guevara um modelo de aventura, audácia e ação. Esses jovens,

espalhados por toda América Latina, militavam em partidos de esquerda, fato que preocupava as autoridades latino-americanas aliadas ao capitalismo norte-americano e ao próprio governo dos EUA. Assim, o governo de John F. Kennedy, em nome da hegemonia no continente, lançou as bases para uma integração dos países latino-americanos nos aspectos político, econômico, social e cultural frente à ameaça soviética no continente. Esse projeto, promulgado na Carta de Punta del Leste, em 1961, levou o nome de Aliança para o Progresso.

COMO ESTAVA O BRASIL?

No Brasil, o governo de João Goulart (1961-1964) defendia as reformas de base. Tratava-se de mudanças estruturais nos setores bancário, fiscal, urbano, administrativo, agrário e universitário. Essas mudanças eram vistas pelos segmentos mais conservadores da sociedade brasileira como sendo vinculadas à ideologia socialista. Dessa maneira, tais reformas marcaram o início da articulação entre alguns segmentos da sociedade civil e os militares para a derrubada de João Goulart da presidência da República.

Em 31 de março de 1964, o golpe foi concretizado e se instaurava no Brasil um período de exceção de liberdades e de predominância, cada vez mais intensa,

da violência por parte dos militares contra grupos e pessoas que resistiam ao novo regime, instalado por meio do golpe.

AS FACES DA VIOLÊNCIA

O governo militar inaugurado pelo general Hugo Castelo Branco foi marcado por uma sucessão de Atos Institucionais, com o objetivo de punir, censurar, extinguir partidos políticos e exiliar cidadãos que eram tidos como ameaça ao novo regime. Entre esses Atos Institucionais, o mais violento foi o Ato Institucional no 5, assinado em 13 de dezembro de 1968 pelo então presidente, General Arthur da Costa e Silva. As prerrogativas do AI-5 suspendiam os direitos políticos de qualquer cidadão por 10 anos em caso de manifestação contra o regime. Nesse caso, também seria suprimido o direito a habeas corpus, o que na prática significaria a prisão efetiva de manifestantes sem que eles pudessem recorrer aos seus direitos constitucionais.

A sociedade brasileira, mesmo antes do AI-5, vivia diante de atos arbitrários, como prisões e torturas. Considerado a primeira vítima da ditadura, o estudante Edson Luis de Lima Souto foi assassinado pela polícia militar no dia 28 de março de 1968, no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro. Esse restaurante tinha um caráter popular e era mantido pelo governo



para atender estudantes carentes. Ali, as manifestações contra a má qualidade da alimentação eram constantes. E foi em uma dessas manifestações que Edson Luis foi assassinado, o que causou grande comoção social.

Nesse momento, as ruas passaram a ser palcos de manifestações contra o regime militar e todos os abusos contra a população. Em 26 de junho de 1968, o Rio de Janeiro foi o cenário de um protesto contra as mortes, as prisões políticas e a privatização do ensino. Esse protesto ficou conhecido como a Passeata dos Cem mil, que tinha à frente intelectuais, artistas, religiosos e estudantes.

Tamanho descontentamento com o regime resultou na luta armada organizada por setores de partidos políticos que viviam na ilegalidade, como MR-8, PC do B, ALN, entre outros.

Eram tempos de clandestinidades e desenvolvimento econômico. Na música, Chico Buarque de Holanda muitas vezes apresentava suas letras sob o pseudônimo de “Julinho da Adelaide”, para driblar os censores da Polícia Federal. No esporte, a conquista do Tricampeonato Mundial de Futebol foi utilizada pelo governo do presidente, General Emílio Garrastazu Médici, para camuflar a Guerrilha do Araguaia e as operações da OBAN (Operação Bandeirantes), órgão militar de combate à guerrilha urbana. Com uma propaganda ufanista, baseada em frases como “Esse é um país que vai pra frente” ou “Brasil, ame-o ou deixe-o”, o País vivia o chamado Milagre Econômico, com a construção da hidrelétrica de Itaipu, da ponte Rio-Ni-

terói, da Transamazônica e do complexo nuclear de Angra dos Reis, no Rio de Janeiro. No entanto, esse crescimento, que levou o Brasil a ocupar o lugar de 8.ª Economia do mundo, não chegou à maioria da população, ou seja, não houve distribuição de renda e se tornou uma herança inflacionada para o próximo presidente, General Ernesto Geisel.

INÍCIO DA MUDANÇA

Responsável por dar início ao processo de abertura política no Brasil, com a volta do pluripartidarismo, Geisel ainda viveria dias de terror no seu mandato, nos quais ocorreram os assassinatos do editor chefe da TV Cultura, Wladimir Herzog, e do líder sindical Manuel Fiel Filho. Esses atos brutais foram atribuídos aos militares pertencentes à “linha dura” do Exército. Inconformado com tais ações, Geisel demitiu o ministro das Forças Armadas. O último presidente militar, João Batista de Oliveira Figueiredo, garantiu a Anistia de presos políticos e exilados e entregou o governo a um civil. Porém, ainda não foi daquela vez que o povo brasileiro votou para escolher seu presidente.

A emenda constitucional que pedia eleições diretas, encaminhada ao Congresso Nacional pelo deputado Dante de Oliveira, não foi aprovada pelos parlamentares, mesmo depois de uma série de comícios realizados por todo o país, que levaram milhões de pessoas às ruas. O voto foi indireto e o Congresso Nacional elegeu o primeiro presidente civil, o mineiro Tancredo Neves, que, no entanto, não assumiu o cargo, pois faleceu em 21 de

abril de 1985. Em seu lugar, assumiu o vice-presidente José Sarney, encerrando-se, assim, o regime militar no Brasil. Em 1988, foi promulgada a nova Constituição brasileira, o marco de uma nova era na política nacional, que garantia a participação mais efetiva da população na política brasileira, com a instituição do voto para pessoas a partir de 16 anos e da realização de eleições diretas para presidente em 1989.

Ao passo que a passeata dos Cem Mil, em junho de 1968, levou para as ruas palavras de ordem contra o regime militar e todas as suas barbaridades, as manifestações de junho de 2013 apontaram um novo rumo no que se refere à participação do cidadão na política nacional; dessa vez sem o engajamento em partidos políticos, mas alerta a todas as carências que atingem a sociedade brasileira. O movimento começou contra o aumento de R\$ 0,20 nas passagens de ônibus, mas tinha muito mais a dizer, além das questões referentes ao transporte público. Espera-se que tal iniciativa não seja ofuscada pela violência praticada por grupos que tentaram desestabilizar esse movimento, que teve início nas redes sociais e que assumiu um caráter pacífico, envolvente e cívico.

Os novos protagonistas que ocuparam as ruas do País em 2013 têm pela frente uma longa jornada para garantir a justiça e a liberdade. Cabe a essas novas gerações lembrar do golpe militar de 1964 não como um simples fato histórico, mas como uma oportunidade de reflexão que busque a preservação de ideais que garantam a democracia no Brasil. Que aqueles que tomaram em nome da liberdade durante a ditadura militar sejam sempre lembrados como cidadãos que deram início à reconstrução da cidadania do povo brasileiro. ■



HORA DA ESCOLHA

O EVENTO PROCURA ESCLARECER DÚVIDAS E MOSTRAR A REALIDADE DOS CURSOS MAIS PROCURADOS DAS UNIVERSIDADES, BEM COMO DO MERCADO DE TRABALHO.

POR ACIDINIZ SILVA,
ASSISTENTE PEDAGÓGICO DO ENSINO MÉDIO.
FOTO RONALDO HIPÓLITO



Os colégios da Rede Jesuíta de Educação de São Paulo realizaram, neste primeiro semestre, a 13.ª edição do Fórum de Profissões, dividido em três ciclos que englobam as áreas de Exatas e Tecnologias / Humanas e Artes / Biológicas e Saúde. O evento, que ocorre todos os anos, é uma das etapas da orientação profissional no Ensino Médio. Seu intuito é convidar antigos alunos, pais de alunos e profissionais de algumas faculdades para conversar com estudantes do Ensino Médio, que se veem diante do desafio da sua escolha profissional. Os colégios participantes são o São Luís e o

São Francisco Xavier. As escolas convidadas são a E.E. Caetano de Campos, a E.E. Alexandre de Gusmão, a E.E. Visconde de Itaúna e a E.E. Nossa Senhora da Glória. Essa troca de experiências busca esclarecer dúvidas e fornecer informações para uma escolha consciente quanto à carreira profissional, à universidade e ao projeto de vida. Os convidados abordam questões como o processo de escolha da profissão, a formação e as atribuições do profissional, as possibilidades de atuação e tendências do mercado de trabalho, entre outras. Durante a conversa com os alunos, são discutidos alguns tópicos:

- O processo de escolha da profissão para o vestibular (durante o Ensino Médio);
- Escolha da universidade;
- Experiências na faculdade, durante a graduação;
- Mercado de trabalho;
- Competências e habilidades para desempenhar um papel na sociedade, como agente de transformação social, por meio da profissão. ■

VEJA MAIS NO FLICKR

Confira todas as fotos dos três dias de Fórum de Profissões em nosso álbum especial no Flickr:
www.flickr.com/saoluis/sets

ENFEITANDO COM retalhos

1



Rasgue pequenas porções das folhas de jornal com as mãos e, com esses pedaços, faça pequenas bolinhas.

2



Uma vez escolhido o pedaço de tecido, desenhe, com a caneta esferográfica e com o auxílio da régua, um quadrado de 10 cm. Recorte-o.

3



Coloque algumas bolinhas de papel no centro do quadrado de tecido e feche-o, formando uma pequena trouxa. É importante lembrar que a quantidade de bolinhas de jornal que preencherá a trouxinha varia de acordo com o tamanho das bolinhas de papel produzidas – o importante é que ela esteja cheia o suficiente para fechar.



PASSO A PASSO DETALHADO NO FLICKR

Para visualizar todas as fotos do passo a passo, acesse o álbum “Colar de retalhos” no nosso Flickr:

www.flickr.com/photos/saoluis/sets

Nesta edição, as equipes da revista *Pilotis* e do Integral prepararam um passo a passo superdivertido e fácil para ser feito em casa: um colar de retalhos! Embarque conosco e divirta-se produzindo esse acessório que pode ser usado em festas infantis ou como componente de uma fantasia.

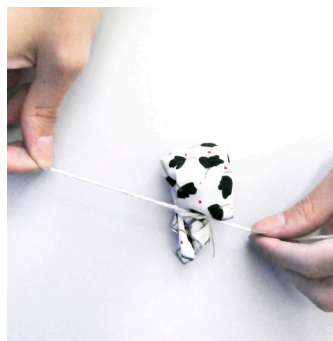


VOCÊ VAI PRECISAR DE:

- folhas de jornal;
- pedaços de tecido (com texturas e estampas a sua escolha);
- 1 tesoura sem ponta;
- 1 rolo de barbante;
- 1 caneta esferográfica;
- 1 régua.

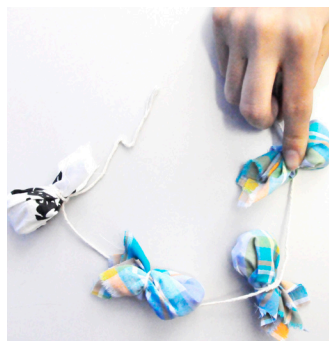


4



Corte um pedaço de barbante de aproximadamente 1 m (o tamanho do barbante depende do comprimento desejado do colar – aconselhamos medir antes de realizar o corte, lembrando que o barbante vai diminuindo conforme o colar vai sendo feito). Meça aproximadamente 5 cm de uma das pontas e, nessa localização, amarre a primeira trouxinha – lembrando-se de sempre dar nós duplos.

5



Repita o processo para fazer outras trouxinhas, e amarre-as ao mesmo fio de barbante, sempre deixando uma distância de aproximadamente quatro dedos entre as trouxinhas. Para o seu colar ficar mais colorido, você pode utilizar diferentes estampas de tecido!

6

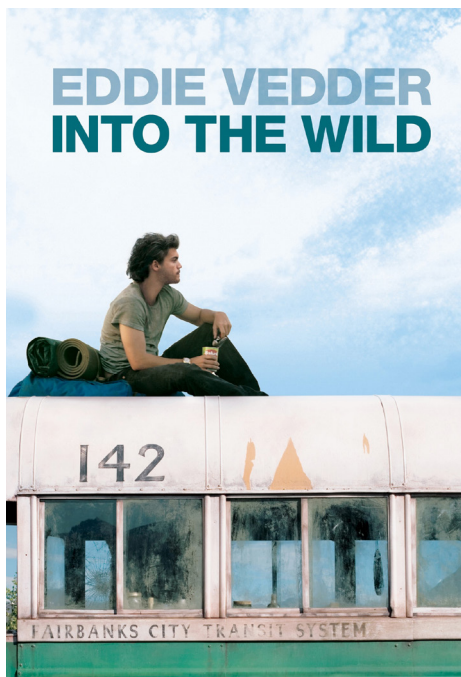


Ao amarrar a última trouxinha, certifique-se de que haja uma sobra de aproximadamente 5 cm até a última ponta. Basta amarrar as duas pontas do barbante e o seu colar está pronto!



QUAL A VELOCIDADE QUE UM TIRANOSSAURO REX ATINGIA?

Lembra-se da cena do filme *O Parque dos Dinossauros* em que o Tiranossauro Rex persegue um jipe a 80 km/h? Coisa de cinema. O biólogo John Hutchinson, da Universidade Stanford, e o engenheiro Mariano Garcia, de Cornell, garantem que o mais famoso carnívoro era tão rápido como uma galinha: a velocidade do animal extinto era de, no mínimo, 16 km/h (como a de um camundongo), e de, no máximo, 40 km/h (a mesma que a de um cachorro).



NA NATUREZA SELVAGEM

A história de Christopher McCandless, um jovem recém-formado, passa-se no início da década de 1990. Decidido a buscar a liberdade, ele resolve fazer uma grande viagem ao redor dos Estados Unidos, apenas com a mala e a roupa do corpo, conhecendo pessoas que acabam mudando sua vida, da mesma forma que a sua presença também modifica as delas. Após dois anos de estrada, ele resolve ir ao Alasca e viver consigo mesmo. Baseado em fatos reais, a história de Chris traz um questionamento importante sobre o que é liberdade e felicidade dentro e fora de uma vida em sociedade.

Título original: *Into the wild*

Gênero: Drama

Classificação: 12 anos



VOCÊ SE FOI... MAS ESTÁ EM MEU CORAÇÃO

Julia nunca conheceu seu avô materno. Mas há um lugar especial reservado a ele em seu coração. Essa história trata de uma pequena garota e das pessoas que estão ao seu redor. Elas a amam muito e estão sempre lhe ensinando coisas novas. Porém, Julia pensa em seu avô, aquele que não conheceu. Mesmo nunca tendo ensinado nada a ela, mesmo não sabendo exatamente como ele era, Julia o ama, pois ele amava sua vovó e sua mamãe. Se não fosse por ele, ela não existiria, e ela sabe que ele também a ama e que a está protegendo de onde estiver.

Autor: Sanja Pregl

Ilustração: Maja Lubi

Editora: Bicho Esperto



PARA GRANDES, PEQUENOS E PEQUENINOS

Houve uma época mágica em que as crianças corriam quintal afora, subiam em árvores e faziam novos amigos, enquanto seus pais jogavam conversa fora, esperando um bolinho caseiro sair do forno. O espaço Mamusca busca resgatar esse ambiente, procurando integrar pais e filhos em brincadeiras no jardim e próximas à jabuticabeira, ou na área interna, que lembra bastante uma casa de vovó. Trata-se de um espaço de brincadeira para toda família, com oficinas e cursos a serem realizados tanto pelos adultos quanto pelas crianças, como atividades de circo, culinária, marcenaria, relaxamento e artes. O local ainda conta com café e acesso à internet gratuito.

MAMUSCA

De terça a sábado, das 9h às 18h. Rua Joaquim Antunes, 778 - Pinheiros. Ingressos: de R\$ 15 a R\$ 75 (aceitam-se cheques e os cartões Diners, MasterCard e Visa). Tel: (11) 2362-9303. **Classificação:** recomendado para crianças de 3 meses a 6 anos. Evento permanente.

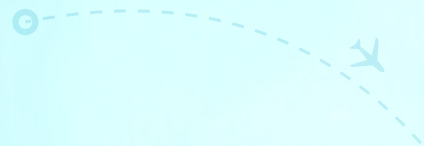


COMIDINHAS DIRETO DO TRAILER

Para quem é fã de “comidinhas de rua”, há uma grande novidade no bairro do Butantã. No final de maio, chegou à região o Butantan Food Park, um espaço que reúne *trucks*, *trailers* e barracas que servem comidas e bebidas por até R\$ 25. Com capacidade para até 25 expositores, a novidade funciona como uma praça de alimentação bastante agradável: além das barracas, oferece mesas e bancos de madeira com ares de piquenique para os clientes. As comidas são muito variadas – desde os clássicos cachorros-quentes até opções mais requintadas, como os temakis.

BUTANTAN FOOD PARK

De segunda a quarta, das 11h às 16h; de quinta a sábado, das 11h às 22h; domingo, das 11h às 20h. Rua Agostinho Cantu, 47, Butantã. **Preços:** até R\$ 25



DE CABEÇA PARA BAIXO

“UMA VIAGEM É UM BOM MOMENTO PARA REPENSAR ALGUMAS COISAS DA VIDA. MAS, QUANDO DECIDI FAZER UM INTERCÂMBIO DE UM ANO NO JAPÃO, COM DIREITO A MOCHILÃO PELA ÁSIA, NÃO SABIA O QUANTO EU REPENSARIA MINHAS ESCOLHAS.”

POR RENATA ROGÉ,
ANTIGA ALUNA DO CSL E ESTUDANTE DE
JORNALISMO DA USP.





"Comecei a pesquisar que países tinham convênios com a USP e ficava imaginando como seria visitá-los."



Eram três da manhã quando Danilo me acordou. As luzes já estavam acesas e todos pegavam suas malas e desciam do ônibus apressados.

"Chegamos" – ele me disse.

"Hmmn...?" – foi minha resposta, mas ele já estava de pé com a mochila nas costas. No escuro, enquanto éramos abordados por dezenas de pessoas oferecendo transporte e hotel aos recém-chegados, tentávamos decidir o que fazer.

"Eu não entendo os ônibus noturnos de Myanmar. Por que todos saem às 19h se vão chegar no meio da noite?"

"Não sei, mas é o que é, né? Temos que ver o que vamos fazer até amanhecer."

Negociávamos com os homens que nos ofereciam transportes – usavam saias compridas (chamadas longyi, a roupa tradicional do País) e tinham as bochechas pintadas com uma espécie de tinta branca ("maquiagem" tradicional para proteção contra o Sol). Tentávamos explicar que não precisávamos de hotel, apenas de um lugar para esperar o Sol nascer.

"Não temos lugares abertos vinte e quatro horas", dizia um deles, em um inglês quebrado. "É melhor vocês fiquem em um hotel, meu amigo tem um muito bom, não é caro..."

A essa altura da viagem, estávamos cansados de "hotéis de amigos muito bons, que não são caros" – nossa experiência nos ensinou que eles não eram bons e eram caros.

Estávamos em Nyaung Swhe, a maior cidade à beira do famoso – e enorme – Lago Inle, na região de Shan, leste de Myanmar. O lago, com mais de 100 quilômetros de extensão, é povoado pelo grupo étnico Intha, que quer dizer literalmente "filhos do lago". E filhos são, de fato: em toda sua extensão, pessoas vivem em vilas flutuantes cujas ruas são canais, carros são barcos, e quintais, "piscinas". Além disso, o lugar é famoso por ser casa de um nascer e de um pôr do Sol que são dos mais bonitos do País.

"Eu conheço um lugar que está aberto", um rapaz não muito diferente dos outros

nos disse, já quando decidíamos esperar na minúscula "rodoviária" (um ponto de ônibus apenas com um telhado e uma luz). "Uma senhora faz samusas (espécie de pastéis recheados com uma mistura condimentada de batata, ervas aromáticas e vegetais) e as vende no café da manhã para pessoas que acordam muito cedo. Ela tem de começar a fritá-las agora, então estará acordada. Lá vocês podem comer e esperar o Sol nascer."

Uma viagem é um bom momento para repensar algumas coisas da vida. Mas, quando decidi fazer um intercâmbio de um ano no Japão, com direito a mochilão pela Ásia, não sabia o quanto eu repensaria minhas escolhas.

Vir para cá foi uma escolha com um objetivo oficial bastante específico: escrever meu trabalho de conclusão de curso (TCC), uma dissertação sobre jornalismo de viagem, usando o Japão como exemplo prático. Precisava ser assim, do contrário seria difícil justificar um intercâmbio tão tardio – normalmente a USP





mais diferente possível. Após algumas tentativas frustradas com convênios com a China, Turquia e Coreia, e depois de muita burocracia e noites ansiosas, em claro, finalmente consegui uma vaga no convênio perfeito: um curso sobre língua e cultura japonesa para alunos estrangeiros em Kyoto. As aulas seriam contadas para minha graduação no Brasil, e eu poderia aprender tudo sobre a língua e cultura japonesas durante o próprio curso, o que facilitaria meu TCC.

Às vésperas da viagem, eu não podia estar mais nervosa. Antes de morar em Nova York, eu já havia visitado a cidade, então sabia o que esperar. Mas, Kyoto, Japão? Nunca havia sequer considerado morar aqui antes de a oportunidade surgir. E se eu não me adaptasse? E se eu não gostasse? Mas eu não conseguia nem considerar desistir de tudo e deixar a ideia de lado. Se eu tinha alguma certeza, era a de que era aquilo que eu queria fazer.

E, quando cheguei ao Japão, o tempo voou. Foram alguns dos momentos mais divertidos, interessantes e felizes que já tive. A Universidade de Estudos Estrangeiros de Kyoto (KUFES), na qual estou estudando, é uma faculdade de língua

prefere selecionar alunos dos primeiros anos para as vagas dos convênios, a fim de que eles voltem com tempo de dividir o que aprenderam fora do País com a comunidade universitária. Eu, em pleno quarto ano de faculdade, e faltando apenas um para me formar, não me encaixa nesse perfil.

Mas não era isso que iria me impedir: eu precisava daquela mudança. Já havia morado fora do Brasil antes, quando tranquei a faculdade para passar alguns meses em Nova York estudando inglês, depois de me decepcionar com o curso já no primeiro ano, e senti que estava na hora de mais uma experiência como aquela. Eu aprendi tanto durante aqueles meses – não só inglês, mas a viver sozinha, superar meus medos, entender um

pouco mais como o mundo funciona fora do Brasil. Além disso, foi lá que descobri o jornalismo de viagem de alto nível, com reportagens profundas e mais focadas em outros aspectos de viagem que não o turismo: o mesmo que queria retratar em meu TCC e que eu não encontrei nas revistas brasileiras em que trabalhei quando voltei para o Brasil. O intercâmbio seria então uma espécie de escapatória de um curso e de um mercado de trabalho decepcionantes, e uma experiência emocionante que poderia me ajudar e me estimular a fazer o tipo de jornalismo que eu queria fazer.

Comecei a pesquisar que países tinham convênios com a USP e ficava imaginando como seria visitá-los. Eu queria ir para longe, o mais longe possível, no lugar



“Se eu tinha alguma certeza, era a de que era aquilo que eu queria fazer.”

estrangeira onde alunos japoneses escolhem entre inglês, francês, alemão, chinês e até português, e alunos de diversos países vêm aprender japonês. Por isso, conhecer pessoas novas foi muito mais fácil do que tinha imaginado e fiz grandes amigos, de vários países.

Mas, ao longo do tempo, percebi que, apesar de eu ter me divertido e aprendido muito com eles, nossa relação não era como a que tenho com meus grandes amigos no Brasil. É claro que não poderia ser – meu grupo de amigos no Brasil se conheceu no São Luís em 2007 e 2008, e é muito próximo até hoje. Além disso, já estava sentindo muitas saudades da minha família, mesmo depois de eles terem vindo me visitar durante o Natal e Ano-novo.

Quando conversava sobre isso com meus amigos do Japão e contava a eles que meus fins de semana no Brasil eram cheios de almoços de família e noitadas de pizza, cerveja e vinho com meus melhores amigos, muitos me diziam que não tinham esse contato frequente com suas famílias ou um grupo tão extenso de amizades duradouras. Foi quando comecei a perceber que o que eu achava normal e corriqueiro talvez não fosse tão comum assim.

Terminado o primeiro semestre, eu estava prestes a embarcar para minha viagem de dois meses pela Ásia durante as férias de primavera. O roteiro que passei meses planejando com amigos que, como eu, queriam aproveitar o tempo para viajar seria o seguinte: dez dias no Nepal e 4 no Butão com Elva, uma amiga peruana; 2 dias sozinha em Hong Kong e Macau; 10 dias na Indonésia, onde encontrei Danilo, niteroiense da Universidade Federal Fluminense, que me acompanhou no resto da viagem; 11 dias nas Filipinas com ele e Ada, nossa amiga espanhola; 10 dias no Vietnã, 5 no Camboja, 5 em Bangkok e 8 em Myanmar. Para finalizar, uma conexão de apenas um dia em Kuala Lumpur antes de voltar ao Japão.

Logo antes de embarcar, no entanto, eu comecei a pensar novamente em meu TCC e no fato de, já na metade do intercâmbio, não ter nem começado a fazê-lo. Isso trouxe de volta toda minha vida no Brasil, da qual até agora, com tanta coisa acontecendo, eu nem me lembrava mais. E acabei levando isso comigo para a primeira parada do roteiro: Kathmandu. Pelos nossos caminhos entre Nepal e Butão, Elva e eu conversávamos sobre tudo.

No Peru, ela estudou Direito por 3 anos, mas decidiu que não era o que ela queria fazer e mudou para Sociologia, com foco em sistemas educacionais. Veio para o Japão meio a turismo, meio a estudo: queria aprender sobre a cultura e o sistema educacional japoneses. Entre passeios pelos mercados de Kathmandu, pelas trilhas do parque nacional de Chitwan nas costas de um elefante, de barco no lago de Pokhara vendo a cordilheira do Himalaia, conversávamos sobre a vida no Japão, sobre como seria voltar a nossos países de origem e sobre o que planejávamos fazer. Ela, que só fez um semestre de intercâmbio, voltaria ao Peru dentro de um mês.

“Como você está se sentindo, tão perto de voltar para casa?”, perguntei a ela quando decidimos descansar um pouco em meio à subida da montanha do mosteiro de Taktsang, em Paro, Butão. O trekking, que dura três horas, chega ao lugar mais icônico do País, apelidado de Tiger’s Nest. Segundo a lenda, o santo budista Guru Padmasambhava expulsou, montado em um tigre alado, um demônio que aterrorizava a montanha. Aproveitávamos a vista do vale e matávamos a sede com a neve que havia caído na

noite anterior e que, agora, com o calor do Sol, derretia no topo das árvores. Ela respondeu, num inglês misturado com espanhol: “Renatiña, vai ser diferente agora, né?”.

“Como?”

“Eu não tinha certeza da minha escolha por Sociologia. Não sabia se abandonar o Direito seria a melhor escolha. Mas, agora, vivendo no Japão e viajando pela Ásia, pude ver várias coisas que aprendi na prática, e isso me deixou muito animada com a minha profissão.”

Isso me fez pensar se eu me sentia assim com o jornalismo. Algo que estava me incomodando muito era o fato de que eu nem havia pensado em fazer nada relacionado a jornalismo durante todo o tempo em que estive viajando, tanto no Japão como na Ásia. Quer dizer, eu sempre pensei que minha falta de empolgação com o curso e com as possibilidades de emprego existia porque eu não conseguia fazer o jornalismo pelo qual eu realmente tinha interesse. Mas, agora, estando aqui exatamente para isso, com todo o tempo e recursos a meu dispor, se isso fosse realmente o que eu quisesse fazer, eu já não teria começado?

Quando encontrei o Danilo, em Bali, havia tido um tempo sozinha em Hong

Kong e Macau para pôr os pensamentos em ordem. Decidi começar a prestar atenção no porquê de eu estar viajando – se não era para escrever a respeito, então para que era? E a cada aventura que tínhamos – dirigindo uma moto pela primeira vez para ver um templo incrível e pegando uma tempestade tropical no meio de uma estrada de terra minúscula no interior de Yogyakarta, na Indonésia; nadando com tubarões-baleia e tentan-

“Agora, de volta ao Japão, me sinto de cabeça para baixo.”

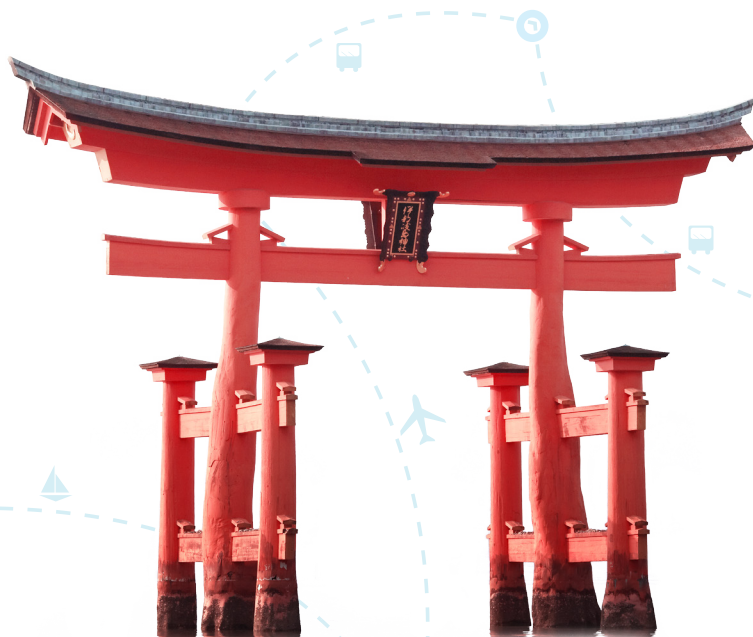
do lidar com a polícia filipina em Cebu, quando roubaram meu celular; aprendendo a mergulhar no Vietnã e entrando em choques culturais um pouco assustadores em Myanmar – eu chegava à conclusão de que o porquê não importava. O importante era que eu estava lá.

Quando o Sol estava perto de nascer, agradecemos com sorrisos a senhora das samusas – cujo nome nunca descobrimos porque ela não falava uma palavra em inglês – e entramos no jeepney do rapaz que nos havia indicado o local. Quando

chegamos à beira do enorme lago, entramos apressados no barco comprido e estreito que nos levaria para o tour da famosa vila flutuante da cidade. Em pouco tempo, chegamos a um ponto propício. O Sol já estava visível, e tingia o céu e a água de laranja. Pescadores faziam seu trabalho em pé em seus pequenos barcos, com estranhas redes cônicas de pesca.

“De fato, é o nascer do Sol mais bonito que eu já vi”, pensei. E, junto com isso, pensava que talvez o jornalismo não seja mesmo para mim, como o Direito não era para Elva, e que eu não sabia o que eu queria fazer no lugar dele. E que o que eu queria mesmo era poder achar algum jeito de incluir em memórias incríveis minhas pessoas queridas, e que era importante preservá-las.

Agora, de volta ao Japão, me sinto de cabeça para baixo. Não sei o que quero fazer da vida profissionalmente, nem como incluir as pessoas que eu quero manter em minha vida nos meus sonhos. Viajar não te livra de seus problemas. Viajar te sacode e acaba com todas as suas certezas. Mas, de algum jeito, isso te mostra que há muitos caminhos para seguir, além daquele em que você começa, e te ajuda a enxergar mais claramente o que você quer – e o que você não quer. ■



VOCÊ PODE PARTICIPAR DA
REVISTA PILOTIS N.º 28!

Envie sua sugestão de pauta, seu artigo,
sua opinião ou sua crítica para
revistapilotis@saoluis.org



COLÉGIO
SÃO LUÍS






Rede Jesuíta
de Educação

Quando a gente
se transforma,
acaba transformando
o mundo
à nossa volta.



Conhecer para transformar.

-  colegiosaoluisjesuitas
-  @colegio_saoluis
-  tusaoluis



COLÉGIO
SÃO LUÍS



Rede Jesuíta
de Educação

acesse saoluis.org

Educação Infantil a partir do Maternal | Ensino Fundamental | Ensino Médio | Período Integral | Período Estendido | Cursos Extras
3138.9600 - 3138.9696 - secretaria@saoluis.org Rua Haddock Lobo, 400 - Estações Consolação e Paulista do Metrô.